

# A MOBILIZAÇÃO DA INFÂNCIA EM FOTOS DE MIGRAÇÃO E REFÚGIO NO INSTAGRAM DA REUTERS

*The mobilization of childhood in photos about migration and refuge on Reuters Instagram*

*La movilización de la infancia en fotos sobre migración y refugio en Instagram de Reuters*

Nádia Nunes Lage<sup>1</sup>  
Ana Carolina Lima Santos<sup>2</sup>

## Resumo

Este trabalho analisa a maneira como o perfil da Reuters no Instagram fez uso de fotos de meninos e meninas para noticiar, de 2016 a 2019, a migração, o refúgio e temas correlatos, notadamente a situação dos sujeitos nos países responsáveis pelos grandes deslocamentos transnacionais contemporâneos. Observando de forma particular as imagens mais curtidas na rede social da agência, o artigo se propõe a identificar os modos de ver e narrar essas pautas possibilitados pela figuração de crianças.

**Palavras-chave:** fotografia, migração, criança, Reuters, Instagram.

## Abstract

This paper analyzes how the Reuters Instagram profile used photos of boys and girls to report, between 2016 and 2019, on migration, refuge and its related themes, notably the situation of subjects in countries responsible for large transnational displacements. Looking in particular at the most popular images on the agency's social network, the article proposes to identify the ways of seeing and narrating these topics made possible by the figuration of children.

**Keywords:** photography, migration, child, Reuters, Instagram.

## Resumen

Este artículo analiza cómo el perfil de Reuters en Instagram usó fotos de niños y niñas para informar, entre 2016 y 2019, sobre la migración, el refugio y sus temas relacionados, sobre todo la situación de los sujetos en los países responsables de los grandes desplazamientos transnacionales. Mirando las imágenes más populares en la red social de la agencia, el artículo tiene como objetivo identificar las formas de ver y narrar estos asuntos possibilitadas por la figuraación de chicos y chicas.

**Palabras-clave:** fotografía, migración, niñez, Reuters, Instagram.

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação pela UFOP; Universidade Federal de Ouro Preto- UFOP. Ouro Preto. MG, Brasil. nadiap84@hotmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3569-4965>

<sup>2</sup> Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFOP, Ouro Preto. MG, Brasil. outracarol@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6973-6401>

## 1. Introdução

Em setembro de 2015, fotografias feitas por Nilüfer Demir retratando o corpo desfalecido de Aylan Kurdi, menino sírio de três anos que morreu afogado em uma praia da Turquia enquanto tentava se deslocar com sua família para a Grécia, ganharam nas redes sociais uma visibilidade até então sem precedentes. De acordo com Francesco D’Orazio (2015), em doze horas, vinte milhões de pessoas em todo o mundo tiveram acesso às imagens pelo Twitter, em um trânsito que chegou a atingir o pico de cinquenta e três mil publicações por hora. Embora após as primeiras quarenta e oito horas de viralidade as fotos originais tenham sido paulatinamente substituídas por variações criadas por ilustradores e designers (D’Orazio, 2015), a circulação inicial dessas imagens notabilizou o apelo compassivo próprio a fotografias que dão a ver crianças.

Susan Moeller (2002) já observava, antes mesmo da aparição das imagens de Kurdi, uma tendência em utilizar histórias envolvendo garotos e garotas como forma de captar atenção do público, propensão percebida pela autora a partir de uma pesquisa realizada na imprensa estadunidense. No que diz respeito à cobertura noticiosa, Moeller (2002) verificou a frequência com que fatos variados, não diretamente ligados à infância, eram divulgados dando centralidade a personagens pueris, sobretudo de crianças em situações de risco, supostamente capazes de gerar maior identificação pessoal. Tomando por base essa constatação, não causa surpresa imaginar que as questões da migração e do refúgio<sup>3</sup>, bem como seus temas correlatos, costumem ser acionadas midiaticamente por meio de imagens de meninos e meninas.

De fato, à fotografia de Kurdi, muitas outras de infantes têm se somado para relatar dramas de migrantes, refugiados ou de indivíduos em espaços associados a essas pautas. Quando se leva em conta o que motiva os deslocamentos transnacionais,

---

<sup>3</sup> Os termos “migração” e “refúgio” estão sendo empregados conjuntamente em respeito ao entendimento da Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR, 2015), de que o primeiro tem a ver com deslocamentos que ocorrem por motivações que não necessariamente implicam uma ameaça à vida dos sujeitos e o segundo, deslocamentos que envolvem uma situação perigosa e intolerável, como os conflitos armados e perseguições. Por isso, a agência adota e aconselha falar em “refugiados e migrantes” quando o deslocamento de pessoas envolve um fluxo em que ambos os tipos podem estar presentes, como muitas vezes ocorre. Neste artigo, nas situações em que a migração ou o refúgio estiverem claramente delimitadas, adota-se a palavra correspondente, com a distinção recomendada.

isto é, a situação que os sujeitos tentam deixar para trás ao sair de seus países de origem (guerras, violações de direitos humanos, intolerâncias étnicas ou religiosas, instabilidades políticas ou econômica etc.), fotos de outras tantas crianças aparecem. Instigado por tal percepção, o presente artigo<sup>4</sup> se volta a fotografias de garotos e garotas que, noticiados na associação à migração, ao refúgio e aos seus temas correlatos, tiveram significativo interesse dos usuários do Instagram ao serem publicadas pelo perfil da Reuters (@reuters), maior agência de notícias internacional do mundo. Interessa investigar os modos de ver e narrar essas questões, como possibilitado pela figuração de crianças em imagens, no que evocam em termos de sensações, emoções, sentimentos, reflexões e interpretações.

Para isso, partindo de um critério quantitativo, foram selecionadas entre as cinco fotos mais curtidas<sup>5</sup> de cada ano, de 2016 a 2019, aquelas que exibem meninos e meninas vinculados ao enredo migratório ou de refúgio. O recorte temporal adotado não foi aleatório: embora o perfil da Reuters tenha sido criado em 2013, somente três anos depois são identificadas fotografias de crianças relacionadas ao assunto que atendem ao parâmetro estabelecido para a análise, ou seja, que tenham gerado maior engajamento do público. Talvez isso ocorra impulsionado pela repercussão do caso de Kurdi no ano anterior – que, inclusive, também parece explicar o fato de a agência dedicar outro perfil apenas para tratar a migração, o refúgio e seus temas correlatos<sup>6</sup>. Ademais, a tematização no perfil principal parece ser tão significativa à época que em 2017 as cinco imagens mais curtidas contendo crianças contextualizam o assunto. Ao longo dos anos essa atenção gradativamente perde força: em 2018, três das

---

<sup>4</sup> Este artigo é fruto de um esforço analítico prévio, realizado pela primeira autora do artigo, em pesquisa de mestrado orientada pela segunda autora. Em “O corpo-criança em fotografias do Instagram da Reuters”, busca-se apontar discursividades visuais em torno da infância através do exercício de se colocar em relação fotografias de maior repercussão do perfil da agência que possuem como elemento central o que aí se conceitua como corpo-criança. Para a dissertação foram examinadas as cinco fotografias mais curtidas por ano, entre 2013 (ano de inclusão do perfil da empresa nessa rede) e 2019. O trabalho, recém defendido junto ao PPGCOM/UFOP, logo será publicado no repositório da universidade: <https://www.repositorio.ufop.br>.

<sup>5</sup> “Curtir” é um dos elementos significativos na avaliação do engajamento no Instagram, juntamente com o número de comentários. Também se trata da métrica mais acessível, posto que as informações sobre compartilhamento de imagens do feed ou publicações salvas não ficam disponíveis aos usuários. Como a quantidade de comentários nas postagens analisadas foi sempre inferior ao de curtidas e, quando somada, não influenciou no resultado, optou-se por essa forma de metrificação.

<sup>6</sup> Durante 2016 a agência marcou o perfil @reutersmigration nas imagens referentes à temática. O perfil, contudo, não está mais no ar. Não se sabe exatamente o período ou o motivo da desativação.

cinco fotos mais curtidas têm migrantes, refugiados ou pessoas em espaços associados a essas pautas; em 2019, apenas uma. Além disso, em 2016, observando o número de reações às postagens, percebe-se uma virada imagética que parece apontar certa atração do público por fotos de crianças em condições adversas, com fotografias impactantes entre as mais curtidas, algo que arrefece com o tempo.

## 2016

Fig. 1. Fotos de 2016 que tratam da pauta migratória, da mais para a menos curtida.



Fonte: montagem das autoras a partir de fotografias publicadas pela Reuters.

Das cinco fotografias mais curtidas no perfil da Reuters no Instagram em 2016, duas retratam crianças em espaços associados à questão dos migrantes e refugiados (fig. 1). A primeira, a mais curtida do ano, é na verdade um frame tirado de um vídeo feito após ataque aéreo em Aleppo, cidade de origem de Aylan Kurdi e um dos campos de batalha da Guerra Civil Síria. Na imagem, ao centro, encontra-se o único personagem visível na cena: um menino coberto de sangue e poeira. Ele está sentado em

um banco de ambulância olhando para frente, mas não diretamente para câmera, com expressão atônita. Um dos olhos quase não abre. O corpo parece imóvel como uma estátua. As mãos, apoiadas cada uma em uma perna, se encostam. Suas pernas estão esticadas à frente e só os pés, descalços, ficam para fora do assento, indicando uma estrutura física diminuta. Mesmo a legenda não o nomeando, sabe-se que é Omran Daqneesh, um garoto de quatro anos que teve sua casa bombardeada. Tem-se conhecimento, ainda, que um de seus irmãos não resistiu aos ferimentos causados pelo ataque e faleceu dias depois. Mas é o retrato dessa criança que passou a ser conhecido como “o rosto ensanguentado dos filhos de Aleppo destruídos pela guerra” (Pleitgen, 2017, on-line, tradução nossa<sup>7</sup>).

Pode-se inferir algumas razões para isso. A primeira tem a ver com a própria percepção da existência infantil, pelo corpo pequenino. Ao indagar como a noção de infância se instituiu historicamente, Philippe Ariès (1981) mapeia elaborações que assentam para essa etapa da vida uma maior necessidade de cuidado e proteção, demandada pelo entendimento de que se trata do período mais frágil, em que o indivíduo não é capaz de defender-se. A fotografia, ao evidenciar o menino sozinho, salienta essa fragilidade. A aparência de sujidade igualmente contribui para tal, por apontar a falta de amparo que a ocasiona. Outro elemento se impõe assim. A guerra, que literalmente atinge o garoto, se sobressai à defesa da infância. Entregue aos perigos, à criança nada resta além do estarecimento que se nota em sua face.

A segunda imagem, de autoria de Ahmed Jadallah, mostra outro menino não nomeado pela legenda, registrado em pé, com o tronco um pouco curvado à frente e à esquerda e a cabeça levemente virada, acompanhando o movimento corporal. Ele está em ação, com os braços abertos tentando controlar inúmeros animais, que aparenta escoltar por um caminho que o espectador é incapaz de precisar, do qual se avista apenas o chão de terra e o horizonte enevoadado pela areia, conformando uma paisagem árida. No texto que acompanha a publicação diz-se que o garoto tenta fugir levando a bicharada para um local seguro

---

<sup>7</sup> No original: “the bloodied face of war-torn Aleppo’s children”.

durante confrontos próximo a Mossul, no Iraque. A situação da região, tratada como êxodo (nacional e transnacional), foi bastante noticiada entre 2016 e 2017 devido à operação do governo iraquiano na retomada da cidade ocupada por forças do Estado Islâmico desde 2014 (Malsin, 2016). Há, aqui, a repetição de alguns ingredientes da fotografia anterior: desacompanhada, a criança é percebida em um cenário e executando uma tarefa que não combina com aquilo que se espera para a infância. A legenda frisa sua dificuldade, em jornada tortuosa. Mas, ao contrário do infante imóvel de antes, esse age. Como se assumisse a postura do adulto que inexistente no quadro, ele responsabiliza-se por si mesmo e pelos animais. A infância, outra vez, é abandonada, atravessada por demandas urgentes impostas pelo conflito.

**2017**

Fig. 2. Fotos de 2017 que tratam da pauta migratória, da mais para a menos curtida.



Fonte: montagem das autoras a partir de fotografias publicadas pela Reuters.

Em 2017, as cinco fotos mais curtidas do perfil da Reuters no Instagram estão relacionadas à migração e ao refúgio (fig. 2). A mais curtida, feita por Hannah McKay, exhibe uma menina que é identificada na legenda como Hosne Ara, de quatro anos, refugiada rohingya – etnia de Mianmar que, segundo a Organização de Nações Unidas (UN NEWS, 2017), sofre uma limpeza étnica estatal. A legenda informa que a criança está em um centro infantil para asilados em Bangladesh, ainda que não dê mais detalhes, como, por exemplo, se ela está ou não acompanhada por familiares. Na imagem, sozinha, a garota é vista no centro do quadro, em uma tomada mais fechada, feita de cima para baixo. Ela não está sorrindo, mas também não parece triste. O enquadramento dá destaque aos olhos, cada um de uma cor (um azul e o outro castanho), que miram diretamente a câmera. O restante da fotografia, inclusive parte do corpo retratado sem roupa, está desfocado. Mesmo sem foco total e parcialmente no extraquadro, é possível notar os contornos arredondados e delicados do seu torso. O desfoque sublinha esses traços, como se fosse uma aura discreta, que mobiliza o sentido de pureza – se alinhando com o que observa Ariès (1981), de que a representação da nudez infantil, em um primeiro momento vinculada ao corpo do menino Jesus, denota a inocência desses seres. Entretanto, para Ara, pureza não quer dizer integridade física. Na mão direita, posta sobre o peito, enxerga-se uma cicatriz que avança a partir do pulso em direção aos dedos. O corpo desnudo, nesse caso, tem sua vulnerabilidade ampliada: exposto, marcado, ele indicia um sofrimento à qual a menina já foi submetida, que logo pode ser atrelado à sua trajetória de refúgio.

O êxodo de Mossul, já relacionado no ano anterior, reaparece nas duas fotografias seguintes. A primeira, de Ali Al-Fahdawi, retrata uma menina que a legenda não identifica nominalmente, apenas relatando que teria fugido de casa durante uma batalha entre as forças iraquianas e o Estado Islâmico. Ela é tomada de frente, espectando a câmera enquanto chora e esboça um sorriso. Do fundo, completamente desfocado, nada se vê. O rosto da garota, ocupando quase todo o enquadramento, revela uma expressão ambígua, que parece sugerir sentimentos contraditórios, como dor, tristeza e alívio. Não à toa, essa imagem viralizou sob a alcunha de “Monalisa de Mossul”, em referência à expressão enigmática da criança (AFP, 2019). O abalo impresso em sua face faz o vetor do olhar, também presente nas fotos que mostram Daqneesh e Ara, tomar maior proporção: fitando quem a

contempla, a menina parece lhe solicitar algo – talvez empatia ou comoção. Sua natureza pueril outra vez tonifica esse apelo. Se, como lembra Moeller (2002, p. 39), “as crianças dramatizam a justiça de uma causa, contrastando sua inocência com a malevolência (ou talvez hostilidade banal) dos adultos com autoridade” (Moeller, 2002, p. 39, tradução nossa<sup>8</sup>), a injustiça da guerra se torna patente no olhar da garota.

A outra imagem do êxodo de Mossul, de autoria de Goran Tomasevic, exhibe em primeiro plano e ao centro da fotografia um homem com expressão de desespero, correndo por uma via que se vê destruída. Ele carrega no colo uma criança pequena que chora. A legenda informa que eles são pai e filha indo em direção às forças armadas iraquianas durante um confronto. A presença da figura paterna que de alguma forma ampara a menina, aponta, por outro lado, sua incapacidade de oferecer proteção efetiva. Moeller (2002), ao sugerir a recorrência de certos enquadramentos nas notícias que trazem infantes como personagens, traça o papel de mártir vítimas de tragédias, algo que, segundo ela, é substanciado quando há um adulto responsável em cena, que embora participe do evento, pouco ou nada pode fazer. O pai retratado, em meio a esse contexto hostil e igualmente fragilizado, amplia a percepção da indefensabilidade do corpo infantil, sujeitado à guerra.

Situação similar é identificada na fotografia seguinte, feita por Yiannis Kourtoglou. Poucas publicações do perfil da Reuters que tematizam a pauta migratória e de refúgio possuem conteúdo verbal expressivo. Normalmente, como nos exemplos já examinados, as legendas são genéricas, apenas situando o assunto. Nessa, ao contrário, a legenda é extensa. Vários dos presentes ou envolvidos na cena têm seus nomes dados, ainda que apenas um tenha seu rosto visível na foto. Ademais, toda a situação é narrada em detalhes. Na imagem propriamente dita, o ponto de atenção se encontra em um homem, Ammar Hammasho, que é fotografado lateralmente diante de uma cerca da qual saem três braços infantis. Das crianças, além de se avistar a nuance de um dos corpos atrás do gradeado, vê-se apenas parte dos braços e das mãos, postos no centro da fotografia, atravessando a cerca.

---

<sup>8</sup> No original: “Children dramatize the righteousness of a cause by having their innocence contrasted with the malevolence (or perhaps banal hostility) of adults in authority”.

Hammasho segura a mão de dois infantes, beijando uma delas, enquanto olha para frente, sugerindo interação com alguém que está atrás da barreira, possivelmente uma ou algumas das crianças. Como revela a legenda, trata-se do momento que o homem reencontra seus filhos e sua esposa, abrigados em um centro para refugiados no Chipre, depois de um ano separados. Como na fotografia anterior, o destaque no adulto, agora tomado em um momento de carinho, revela sua incapacidade de oferecer proteção aos meninos e meninas: apartado por uma barreira, ele só pode demonstrar seu afeto. Assim sendo, a delicadeza física dos membros superiores das crianças, somada à atitude de buscar tocar o pai, devolvendo-lhe afagos, é passível de atuar como apelo compassivo, tornando a imagem comovente.

A última foto mais curtida de 2017, de Mike Blake, também apresenta uma barreira física, criada para manter longe os migrantes. Dessa vez, é o muro localizado entre Estados Unidos e México, marcando a primeira aparição de registros sobre deslocamentos transnacionais para o território estadunidense, que permanecem em 2018 e 2019. A imagem exhibe duas crianças separadas pela cerca fronteiriça. O primeiro, um bebê visto de frente, está ilustrado em uma obra de arte de enormes proporções, instalada do lado mexicano, na cidade de Tecate, que o texto informa ser do artista francês JR. De acordo com Alexandra Schwartz (2017), batizada de *Giants, Kikito* em referência ao nome de uma criança que vive próximo à fronteira, a instalação pretendia chamar atenção para política do governo de Donald Trump, então presidente dos Estados Unidos, que cogitava reverter normas que protegiam a criança migrante da deportação. Kikito é registrado, na fotografia da Reuters, “olhando” para o lado estadunidense. Aí se encontra o segundo infante da foto: um menino visto de costas, caminhando de mãos dadas com uma mulher, indicados na legenda como mãe e filho. Esses personagens se encontram em um lugar em que parecem ser fitados pelo bebê gigante, ainda que não o avistem.

Ao contrário das demais fotos examinadas, não há qualquer sinalização de fragilidade, vulnerabilidade ou perigo impostos a essas crianças. No entanto, pelo modo como é construída, a fotografia reverbera uma noção de subalternidade, apontando distinções entre a infância do país para o qual se migra e aquele do qual se migra. Mesmo colossal, Kikito não tem vez no espaço

que mira. As pessoas em cena o ignoram, sua presença torna-se, para elas, insignificante. Como explica Gayatri Chakravorty Spivak (2010), ao subalterno é destinado um local periférico, fora do círculo. Poderia se dizer: do outro lado do muro. Mais que isso, pela posição ao qual é destinado, sem ser notado, o indivíduo subalternizado tampouco “pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (Spivak, 2010, p. 15). Isso reflete, ainda, a própria atribuição feita acerca da infância. A etimologia de “infante”, palavra originada do latim *in-fans*, isto é, não-falante, é reafirmada. A Kikito, imagem dentro da imagem, é reservado certo silenciamento. Sua magnitude, porém, funciona como apelo mudo daqueles que não são dados a ver na foto, mas são por ela evocados: os garotos e garotas migrantes que rumam aos Estados Unidos, alguns dos quais são posteriormente visibilizados por uma das fotografias mais curtidas do ano seguinte.

## 2018

Três das fotografias mais curtidas em 2018 versam sobre a migração e refúgio, cada uma delas referenciando uma localidade diferente: a primeira imagem é em Tijuana, de novo na fronteira entre Estados Unidos e México; a segunda no leste de Ghouta, na Síria; a terceira em um campo de deslocados na República Democrática do Congo (fig. 3).

Fig. 3. Fotos de 2018 que tratam da pauta migratória, da mais para a menos curtida.



Fonte: montagem das autoras a partir de fotografias publicadas pela Reuters.

A mais curtida, de autoria de Kim Kyung-Hoon, é um plano aberto que evidencia, no meio de um tumulto, uma mulher correndo, segurando e puxando pelos braços duas meninas, que quase caem. É uma das poucas imagens dessa seleção, juntamente com aquela em que um pai corre a com filha no colo, em que uma ação é notável. A escolha do momento do clique privilegia o acionamento de uma bomba de gás lacrimogêneo logo atrás das fotografadas, da qual se percebe o dispositivo e a fumaça saindo dele. A legenda explica: a bomba foi jogada contra a caravana dos migrantes advindos da América Central, que à época se deslocavam aos milhares rumo aos Estados Unidos. Como as personagens centrais, muitas pessoas estão correndo ao fundo, fugindo do gás, como o texto também indica. Ainda assim, a imagem põe destaque às garotas, tomadas pela fragilidade de seus corpos infantis, bem como pela impotência e dificuldade diante da situação, sobretudo quando se observa que por pouco não tombam, na pressa que se impõe a elas.

A segunda fotografia mais curtida desse ano, feita por Omar Sanadiki, também enfatiza a debilidade de uma criança que se desloca, mas por outro expediente. É o enquadramento que ressalta esse aspecto pueril. Fechado, exhibe um bebê dormindo

dentro de uma mala. O infante adormecido é percebido de frente e de maneira central, em primeiro plano, somente com os braços e a cabeça para fora, revelando bochechas avantajadas e coradas – quiçá pelo calor, implicado pelo cenário ensolarado. Ele veste um casaco que aparenta ser novo e estar bem limpo, remetendo aos cuidados provavelmente recebidos de algum adulto. Talvez seja do homem que carrega a mala, na legenda identificado como seu pai, do qual se enxerga apenas uma mão e parte do braço e do tronco, diante de um fundo desfocado. A serenidade do garotinho, acrescida desses sinais de zelo, reforça certa positividade. Contudo, o fato de estar dormindo em uma bolsa de viagem, local nada convencional para isso, faz com que seja impossível pensá-lo distante de um contexto negativo. O texto que acompanha a foto fornece mais uma informação que leva a essa impressão, ao localizar o registro na vila de Beit Sawa, leste de Ghouta, na Síria, espaço que se sabe em meio à guerra. Ademais, é na associação entre a mala e o espaço geográfico sírio que o sentido de refúgio se edifica. De fato, a imagem foi realizada durante um êxodo em massa de civis, após o governo nacional ter levantado ofensiva contra os rebeldes que dominavam a região (REUTERS, 2018).

A terceira fotografia mais curtida de 2018, de Goran Tomasevic, evidencia uma criança que na legenda é nomeada como Rachele-Ngabausi, de dois anos. Trata-se de um close que mostra, em primeiríssimo plano, o rosto da menina, clicado entre o frontal e o lateral, evidenciando uma cicatriz com grande extensão que vai da testa até o final de sua bochecha, passando rente ao olho. A composição do quadro enfatiza parte da face iluminada pelo sol, o que reforça o ponto de atenção na cicatriz. A lateralidade do rosto ainda torna visível a orelha esquerda da garota, com outra marca de corte. É possível notar que, ao redor da boca entreaberta, há um pouco de sujeira. Os olhos grandes, diretivos, mirando diretamente a câmera, sobretudo aquele ao sol e próximo à cicatriz, chamam atenção ao passo em que parecem apelar para que o espectador a perceba, ao mesmo tempo, em sua força e sua fragilidade – apesar de, nessa fase da vida, tão jovem, ela ser incapaz de ter consciência para tal. De toda maneira, essa incitação transpassa o texto da publicação ao informar que os ferimentos da garota foram causados por milicianos que invadiram

sua aldeia e mataram a mãe grávida e os irmãos da criança, além de terem decepado o braço de uma irmã sobrevivente. Dessa forma, o conteúdo verbo-visual confere uma face marcada, mas resistente, para uma história trágica.

Essa leitura faz Rachele-Ngabausi encarnar na imagem o sentido de rosto levinasiano, como desenvolvido por Judith Butler (2011). Para a autora, o rosto é tudo aquilo capaz de exhibir o que de mais frágil o Outro entrega, personificando a alteridade como reivindicação moral, ou seja, direcionando demandas morais que, embora não tenham sido solicitadas, não se é livre para recusar. Existe, por isso, tanta potência nele. “Exatamente porque um ser vivo pode morrer que é necessário cuidar dele para que possa viver. Apenas em condições nas quais a perda tem importância o valor da vida aparece efetivamente” (Butler, 2015, p. 32). Assim, como fotografada, a menina que se percebe vulnerável também demonstra força. É difícil ficar indiferente ao olhar dela, principalmente ao considerá-lo como pertencente a um anjo com cicatrizes que lhe acompanharão para sempre, como tipifica Moeller (2002); resultado da experiência de um real traumático, como complementa Leandro Lage (2019). Resgatando proposições sontagianas e se direcionando ao exame de outro conjunto de fotos, do menino Kurdi, Lage (2019, p. 33) diz algo que se aplica também a tal imagem: ela funciona como “um convite a prestar atenção, a refletir; denuncia o que os homens são capazes de fazer uns contra os outros; revoga nosso cômodo direito de nos mantermos ignorantes, inocentes ou incrédulos ante o sofrimento do outro”.

2019

Fig. 4. Foto de Jose Luis Gonzalez, única entre as mais curtidas de 2019 que trata da pauta migratória.



Fonte: [https://www.instagram.com/p/B0QcNXHDb\\_3/](https://www.instagram.com/p/B0QcNXHDb_3/).

Em 2019, das cinco fotografias mais curtidas do perfil da Reuters no Instagram apenas uma tematiza a migração, de novo na fronteira entre Estados Unidos e México (fig. 4). A foto, de autoria de Jose Luiz Gonzalez, foi a terceira mais curtida do ano. A cena, como registrada, traz, em primeiro plano e na extremidade esquerda da foto, parte do corpo de um homem de pé e armado com escopeta, que pelos trajes pode ser reconhecido como um militar, e, em segundo plano, na extremidade direita, avista-se uma mulher agachada, que cobre o rosto enquanto parece chorar, ao mesmo tempo em que abraça e envolve um

menino, visto de pé encarando o soldado. O garoto, em atitude corporal que remete à coragem, mesmo fitando o militar, o faz com expressão receosa, de alguém que aparenta, ao menos, dificuldade para compreender a situação que se impõe. O soldado, estanque, fixa sua autoridade e poder, contrapostos à vulnerabilidade da mulher e da criança. A legenda contextualiza o ocorrido ao especificar que mãe e filho são migrantes guatemaltecos, identificados como Lety Perez e Anthony, em Juárez, no México, diante de um integrante da Guarda Nacional, clamando para que os deixem atravessar para o país vizinho. Tem-se mais um caso em que a criança, figurando na imagem, serve à certa comoção. Nesse exemplo, pela aparição de dois elementos, até então inéditos nas fotografias analisadas, algo mais se adiciona: a presença do militar e de sua arma fazem recordar que a fronteira não se limita a uma linha divisória que separa um país do outro, mas se constitui simbolicamente como uma separação política que, também pela força, subalterniza aqueles que estão fora.

### **Considerações finais**

As fotografias, como aqui percebidas, implicam modos de ver e narrar migrantes, refugiados ou indivíduos em espaços associados a essas pautas a partir da figuração de crianças, desveladores do tratamento dado a tais assuntos na contemporaneidade. Se, seguindo Georges Didi-Huberman (2018), as imagens são parte do que sobrevive de uma dinâmica e de uma sedimentação social/cultural, carregando consigo rastros dos tempos; isso significa ainda que as visualidades que versam sobre a migração, refúgio ou seus temas correlatos, são significativas do presente, como encontro de temporalidades. Mesmo considerando tratar-se de um recorte restrito, daquilo que é publicado pela Reuters em seu perfil do Instagram e fomenta maior interesse do público, entende-se que ele permite inteligibilidade das maneiras pelas quais as questões migratória e de refúgio atravessam o tempo atual e é por ele atravessado.

Essa atualidade se ilumina também pelo entendimento da infância como construção, isto é, como não determinada biologicamente em uma estrutura natural ou universal, mas variável histórica, cultural e socialmente<sup>9</sup>, como pondera David Buckingham (2006). O jeito como meninos e meninas são mobilizados nas fotos, evocando ideias em torno de fragilidade, pureza, inocência, incapacidade de defesa e necessidade de cuidado e proteção, remete à fabricação simbólica inerente às fotografias tanto quanto à concepção de infância (re)afirmada nelas. É provável que a expressão visual conferida a essas imagens e às crianças que aí aparecem, tenham a aptidão para povoar imaginários e mobilizar a imaginação em torno do que se crê ser inerente ao universo pueril, agindo, por tabela, para colá-lo às pautas da migração e do refúgio, em um apelo compassivo.

De tal maneira, como ocorre com as fotos que expõem o rosto atônito de Daqneesh, a expressão enigmática da “Monalisa de Mossul”, o pai correndo desesperado pela rua com sua filha no colo, Hammasho beijando as mãos de sua prole ou a face marcada de Rachele-Ngabausi, as imagens podem atuar direcionando ângulos de observação e afetos ao assunto, além de assumir junto a eles a forma mesma da comoção. Engendradora na percepção de mundo, segundo Butler (2015), a comoção é responsável por agenciar conexões e rearranjos a serem apreendidos, capazes de elaborar experiências. Em alguma medida, na constatação de que as sensações, emoções, sentimentos, reflexões e interpretações engendradas se reverberam em quem vê as fotografias, parece se justificar o uso da Reuters e o interesse despertado, traduzido nas curtidas. Considerando, assim, certa capacidade conectiva, a afirmativa de Moeller (2002), para quem “as crianças se tornaram um ponto de entrada para a mídia discutir qualquer evento ou questão considerada superexposta, [...] são vistas como uma das poucas maneiras infalíveis de atrair olhares” (Moeller,

---

<sup>9</sup> É importante, nesse ponto, atentar que a noção de infância é constituída majoritariamente por adultos que “ficcionaliza[m] uma experiência que, pessoal ou compartilhada, não pode ser reproduzida, a fim de recriar uma perspectiva social”, conforme Anderson Da Mata (2006, p. 10). A criança e a infância se encontram em um contínuo estado de tensão entre as diversas teorizações, concepções e normalizações que tentam determiná-las de fora para dentro, evidenciando lacunas de um investimento que se constrói por meio de inclusões, separações e exclusões que reiteram, atribuem ou lhes negam identidades. E é no trânsito instável do corpo que elas se instauram. Em outras palavras, a infância está inscrita nos corpos das crianças, como nesses estabelecidos nas/pelas imagens; corpos que, apesar de aparentemente inequívocos e evidentes por si, só ganham sentido socialmente, por meio de significações que são continuamente alteradas, em uma espécie de escrita viva.

2002, p. 37, tradução nossa<sup>10</sup>), se confirma. A autora destaca ainda que, somada à atração permitida, a repercussão possível da presença dos garotos e garotas nas histórias noticiadas e, no que interessa aos limites aqui explorados nas imagens publicadas, gera possibilidades de angulação informativa e de engajamento afetivo que fazem emergir uma condição discursiva singular. É na contraposição entre a certeza de que a infância é indicadora da viabilidade da espécie humana, figurando como sinônimo de futuro e de bem-estar, e a percepção de uma infância que enfrenta qualquer tipo de adversidade, no risco da migração, do refúgio e da situação que tentam deixar para trás com o deslocamento (guerras, violações de direitos humanos, intolerâncias étnicas ou religiosas, instabilidades políticas ou econômica etc.), que essa singularidade se notabiliza. As crianças postas em meio à crise exigem uma resposta, uma ação (Moeller, 2002). A foto de Rachele-Ngabausi, por revelar o olhar diretivo da menina e a enorme cicatriz que quase atinge o espectador, é emblemática nesse sentido. As de Daqneesh, de Ara, da “Monalisa de Mossul” e de Lety Perez e Anthony na fronteira entre Estados Unidos e México se somam na mesma direção.

Talvez seja aí que resida a singularidade da fotografia com infantes, como demonstra as imagens examinadas. Elas dão contornos a ambiguidade de crianças, que ao mesmo tempo que figuram a partir da impotência, escancarando ao outro sua fragilidade corporal e/ou emocional, também incorporam a ideia de força e potência, insinuando certa esperança na continuação da vida, apesar de tudo. São, pois, aptas a comover o público, em um despertar sobre o que há de precário no Outro, conferindo condição para humanização requisitada no tratamento de pautas tão sensíveis. E que permitem ao público manter acesa a expectativa de que, a despeito das dificuldades envolvidas nas questões migratória e do refúgio, a vida segue. Mas permanece como um rosto levinasiano. “O rosto é o outro que me pede para que não o deixe morrer só, como se o deixar seria se tornar cúmplice de sua morte. Portanto, o rosto diz a mim: não matarás (LEVINAS, 1986, p. 23-24, apud BUTLER 2011, p. 4). Ou seja, a vida segue como uma existência que clama pelo compromisso ético de ver e, adiante, agir sobre o que se vê – mesmo

---

<sup>10</sup> No original: “children have become an entry point for the media to discuss any event or issue considered to be overexposed, [...] children are perceived to be one of the few surefire ways to attract eyeballs”.

quando se está perante fotografia daqueles e daquilo que impõem, até pela violência, uma divisão entre uns e Outros, como se revela em duas das imagens feitas na fronteira estadunidense, com Kikito e com o garoto abraçado pela mãe diante da presença do militar e de sua arma.

## Referências

ACNUR (2015, outubro 1). Refugiado ou migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto. Recuperado em 13 setembro, 2021, de <https://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto>.

AFP (2019, dezembro 20). The story behind the viral photo of the Mona Lisa of Mosul. *AFP Fact Check*. Recuperado em 7 setembro, 2021, de <https://factcheck.afp.com/story-behind-viral-photo-mona-lisa-mosul>.

ARIÈS, Philippe (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar.

BUTLER, Judith (2015). *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BUCKINGHAM, David (2006). *Crescer na era das mídias: após a morte da infância*. Florianópolis: Edições Loyola.

DA MATA, Anderson Luís Nunes (2006). *O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

DIDI-HUBERMAN, Georges (2018). *Atlas ou o gaio saber inquieto. O olho da história III*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

D’ORAZIO, Francesco (2015, dezembro). From a beach in Bodrum to twenty million screens across the world. In: Vis, Farid, Goriunova, Olga (Eds.). *The iconic image on social media: a rapid research response to the death of Aylan Kurdi*, pp. 11-18. Sheffield: University of Sheffield/Visual Social Media Lab.

LAGE, Leandro (maio-agosto, 2019). Imagens e a regulação da comoção: vulnerabilidade e testemunho. *Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos*, v. 21 (n. 2), pp. 33-43. Recuperado em 05 setembro, 2021, de <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2019.212.04>.

MALSIN, Jared (2016, junho 16). ISIS in Iraq: inside the battle for Mosul. *Time*. Recuperado em 15 julho, 2021, de <https://time.com/isis-mosul>.

MOELLER, Susan (2002, janeiro). A hierarchy of innocence: the media's use of children in the telling of international news. *Harvard International Journal of Press/Politics, Cambridge*, v. 7 (n. 1), pp. 36-56. Recuperado em 5 setembro, 2021, de <https://doi.org/10.1177/1081180X0200700104>.

PLEITGEN, Frederik (2017, setembro, 6). Syria's child face of Aleppo still caught in the middle a year on 2017. *CNN*. Recuperado em 30 agosto, 2021, de <https://edition.cnn.com/2017/09/06/middleeast/omran-daqneesh/index.html>.

REUTERS (2018, março 15). Thousands flee in first mass exodus from Syria's besieged eastern Ghouta. *Reuters*. Recuperado em 06 setembro, 2021, de <https://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-syria-ghouta-idUSKCN1GR0VM>.

SCHWARTZ, Alexandra (2017, setembro 11). The artist JR lifts a mexican child over the border wall. *Newyorker*. Recuperado em 06 setembro, 2021, de <https://www.newyorker.com/news/as-told-to/the-artist-jr-lifts-a-mexican-child-over-the-border-wall>.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty (2010). *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG.

UN NEWS (2017, setembro 11). UN human rights chief points to 'textbook example of ethnic cleansing' in Myanmar. *UN News*. Recuperado em 11 setembro, 2021, de <https://news.un.org/en/story/2017/09/564622-un-human-rights-chief-points-textbook-example-ethnic-cleansing-myanmar>.